

PAPEL DAS PRÁTICAS PSICOPEDAGÓGICAS PARA ALUNOS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

SANTOS, Samara Cristina Silva Marques,

RU 3097610

ALBRECHT, Ana Rosa Massolin

RESUMO

Considerando o crescente número de alunos que, atualmente, adentram o contexto escolar com algum tipo de dificuldade de aprendizagem, tem se tornado cada vez mais comum a atuação psicopedagógica na intervenção do processo de ensino-aprendizagem dos educandos. Diante disso, o principal objetivo desta pesquisa é analisar a importância das práticas psicopedagógicas no processo de ensino de alunos com dificuldades de aprendizagem (DA). É um estudo de cunho bibliográfico, na intenção de conhecer aspectos relacionados a esta temática, analisando materiais como livros físicos e eletrônicos, bem como artigos científicos já publicados em bases de dados como scielo e google acadêmico. Esta é uma temática bastante interessante e atual, haja vista que diz respeito aos desafios das escolas na contemporaneidade no que tange a luta para fornecer um ensino inclusivo aos alunos que apresentam algum tipo de dificuldade de aprendizagem em sala de aula. Portanto, os resultados desta pesquisa indicaram que existem diversas estratégias psicopedagógicas que visam interferir positivamente na aprendizagem do aluno com DA, além de testes complementares como provas projetivas psicopedagógicas, dentre outras.

Palavras-Chaves: Psicopedagogia. Dificuldade de Aprendizagem. Intervenção.

1 INTRODUÇÃO

No contexto escolar, muitos dos professores são capazes de notar um aluno com algum tipo de dificuldade no processo de ensino-aprendizagem, especialmente, quando a criança tende a ficar para trás nas atribuições de leitura e escrita, ou quando ela fica facilmente frustrada quando não alcança uma boa nota nos testes. No entanto, é importante entender que somente o professor da sala de aula regular não garante o sucesso escolar de um aluno com Dificuldade de Aprendizagem.

Para isso, existem as práticas e intervenções psicopedagógicas que visam dar suporte aos educadores, de maneira que todos os problemas que envolvem o aluno com DA sejam, na medida do possível, sanadas. Os professores podem juntamente com o psicopedagogo desenvolver uma série de estratégias que funcionem

com crianças que não estão se saindo bem na escola. Incentivar os alunos a participarem de seu próprio aprendizado, atribuindo tarefas que valham a pena é apenas uma das estratégias que podem intervir positivamente na aprendizagem do aluno.

Nesse sentido, esta pesquisa tem como finalidade principal abordar acerca do papel da psicopedagogia no atendimento de alunos com dificuldades de aprendizagem. Através dos objetivos específicos pretende-se investigar os tipos de dificuldades de aprendizagem mais comuns em crianças, como por exemplo, a dislexia; analisar a importância da intervenção psicopedagógica; discutir acerca das práticas psicopedagógicas e como podem ser implementadas no processo de ensino dos alunos com DA; e, por último investigar a contribuição da família no auxílio do aluno com DA.

A fim de corresponder a todos os objetivos que foram propostos neste estudo levantou-se a seguinte questão norteadora: De que forma o psicopedagogo pode atuar na identificação e intervenção de problemas no processo de ensino e aprendizagem de um aluno com DA?

A metodologia adotada nesta pesquisa foi a bibliográfica, visto que, buscou-se embasamento em ideias e pensamentos de autores como Haddad (2020), Sampaio (2011), Souza (2020), e outros, para esse fim foram realizadas leituras sistemáticas, além de resumos visando o melhor aproveitamento da compreensão do assunto.

Sabe-se que nada é mais frustrante para um professor do que não poder ajudar um aluno que precisa de auxílio extra no processo de aprendizagem, por isso, a intervenção psicopedagógica se torna tão importante, uma vez que contribui para que ocorra a parceria entre escola e psicopedagogo. Em alguns casos, o psicopedagogo se sente feliz quando um professor indica uma criança assim que percebe que ela está tendo dificuldades na sala de aula.

Portanto, considera-se que uma das responsabilidades dos educadores defender seus alunos e obter a ajuda de que precisam o mais rápido possível, para além disso, é tarefa do psicopedagogo conhecer o aluno e sua família. Além de conversar com a criança que está tendo problemas e importante convidar os pais para que se encontrem de maneira que possam compartilhar suas queixas tendo em vista as intervenções psicopedagógicas que poderão ser implementadas.

2 DIFIULDADES DE APRENDIZAGEM: DISLEXIA, DISCALCULIA E DISGRAFIA

Normalmente, no contexto educativo algumas crianças, apesar da instrução adequada, têm dificuldade e não conseguem dominar habilidades básicas, como por exemplo, de leitura e escrita. Para Souza (2020, p. 9) “É comum apresentarmos dificuldade diante de algo novo, o cérebro precisa de um tempo para filtrar, processar e acomodar novas estruturas”.

Contudo, no ambiente escolar nem todas as crianças conseguem processar as informações que lhes chegam por meio do professor, sendo que algumas podem apresentar dificuldades de aprendizagem que são expressas por déficits de concentração e atenção, somados a problemas no desenvolvimento da linguagem ou no processamento da informação visual e auditiva.

Curiosamente, não existe uma definição clara e amplamente aceita de dificuldades de aprendizagem, devido à natureza multidisciplinar do campo, há um debate contínuo sobre a questão da definição e, atualmente, há muitas definições que aparecem na literatura, em que os autores dão destaque para a importância de se conhecer melhor os tipos de dificuldades de aprendizagem para posteriormente defini-la.

De acordo com a portaria nº 948/2007 entregue ao Ministério da educação em 07 de janeiro de 2008:

Consideram-se alunos com deficiência aqueles que têm impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, que em interação com diversas barreiras podem ter restringida sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade [...] Dentre os transtornos funcionais específicos estão: dislexia, disortografia, disgrafia, discalculia, transtorno de atenção e hiperatividade, entre outros (BRASIL, 2008, p. 15)

As queixas leves são geralmente detectadas na idade escolar, enquanto os sintomas mais graves tendem a ocorrer mais cedo, os indivíduos afetados podem apresentar problemas de compreensão da linguagem verbal ou escrita, de coordenação de movimentos, de leitura, de cálculos matemáticos ou ortográficos. As crianças afetadas também podem ter dificuldade para se concentrar em uma tarefa, organizar uma atividade ou contar uma história em ordem sequencial, dificuldades também podem ocorrer no raciocínio e na organização e planejamento de informações para a solução de problemas.

A dislexia é um transtorno de aprendizagem caracterizado pela dificuldade de compreender o texto escrito e automatizar o processo de leitura, especificamente, a leitura parece lenta e, às vezes, incompreensível, pois as letras são omitidas, substituídas ou invertidas. No momento, as causas da dislexia ainda não são conhecidas, no entanto, alguns fatores que podem favorecer essa manifestação foram encontrados em associação com o transtorno (RODRIGUES; CIASCA, 2016).

De acordo com os estudos de Marangon (2010) a dislexia pode se manifestar de várias formas e pode ter vários graus de intensidade, normalmente, esse distúrbio de aprendizagem resulta em dificuldades na leitura, produção e compreensão da linguagem escrita. Crianças disléxicas podem ter dificuldade em identificar visualmente as palavras ou as letras dentro delas, ou associação som-símbolo.

Embora a dislexia seja um problema crônico, muitas crianças desenvolvem habilidades funcionais moderadas de leitura ao longo do tempo, outros, entretanto, não alcançam uma alfabetização adequada. Normalmente, não é possível diagnosticar a dislexia antes da segunda série do ensino fundamental. A presença do transtorno é verificada por meio de exames apropriados, realizados por grupo multidisciplinar composto por pediatra, neuropsiquiatra e psicólogo infantil.

Mas o fato é que as dificuldades de aprendizagem como a dislexia envolvem problemas no processo de decodificação de letras e palavras ou dificuldades com números. Segundo Rotta (2006, p, 153) a dislexia é “Um distúrbio neurológico, de origem congênita, que comete crianças com potencial intelectual normal, sem déficits sensoriais, com suposta instrução educacional apropriada, mas que não conseguem adquirir ou desempenhar satisfatoriamente a habilidade”.

Por outro lado, no que tange aos alunos que têm uma deficiência de aprendizagem específica em matemática, conhecida como discalculia, podem apresentar problemas relacionados com tópicos matemáticos simples e complexos. Normalmente, muitos alunos nas escolas lutam com matemática e ansiedade para resolver problemas, mas para aqueles com discalculia, uma dificuldade de aprendizagem relacionada à matemática, aulas e testes de matemática apresentam obstáculos aparentemente intransponíveis que podem afetar o sucesso acadêmico e contribuindo para a baixa auto-estima.

Na concepção de Bastos (2008) os distúrbios de aprendizagem em relação a matemática atingem as habilidades de cálculo básico, de raciocínio matemático e nas combinações entre elas, sendo classificados em calculia e discalculia. Pessoas

com discalculia têm um déficit na capacidade do cérebro de processar informações relacionadas a números.

Em um sentido mais amplo, compreende-se que as crianças com discalculia têm dificuldade em sequenciar informações, fazer orçamento de tempo e manter cronogramas, eles podem ter problemas com operações matemáticas, memorização de tabuada e compreensão de conceitos matemáticos.

Fundamentar informações matemáticas abstratas no mundo físico pode ajudar os alunos discalculistas a terem sucesso, nesse sentido, existem algumas estratégias para tornar os conceitos matemáticos da aritmética básica à álgebra avançada mais fáceis de entender e lembrar.

Para o aluno discalculista, os conceitos matemáticos são simplesmente resumos e os números, meras marcas em uma página, nesse sentido, falar sobre um problema ou pedir para que os alunos o escrevam em forma de frase pode ajudar a ver as relações entre as habilidades existentes e as dificuldades, até mesmo reafirmar e organizar informações e ver soluções.

Desenhar problemas matemáticos também pode ajudar os alunos visuais a ver as relações e a compreender os conceitos, os alunos podem desenhar o problema com imagens que refletem sua compreensão do problema e mostram maneiras de resolvê-lo. A Discalculia é um problema que afeta muitas crianças que passam a ter problemas em reconhecer operações elementares, conforme explicam os autores:

A Discalculia se manifesta pela dificuldade em adquirir a linguagem em uma criança com competência cognitiva adequada. Pela dificuldade única e exclusiva de reconhecer números e quantidades. Pela dificuldade em realizar operações elementares de adição, subtração, multiplicação e divisão, sem que seja resultado de um ensino inadequado ou retardo mental global. Pela dificuldade de automatização da palavra. (LEAL; NOGUEIRA, 2012. P. 89).

Para as crianças que apresentam a incapacidade de conceituar e executar processos matemáticos as estratégias que o professor adota em sala de aula se tornam fundamentais. Por exemplo, relacionar a matemática com os aspectos práticos da vida diária pode ajudar os alunos a entender os conceitos e ver as relações entre os números, acessórios como copos de medição, réguas e objetos contáveis que os alunos podem manipular podem tornar os conceitos matemáticos menos abstratos.

Alguns alunos podem ter problemas para aprender fatos aritméticos básicos, ao contrário dos alunos não discalculistas, eles terão problemas até mesmo com a adição, subtração, multiplicação e divisão básicas, o que acabará levando a mais dificuldade, já que toda a matemática usa a aritmética.

Considerando que os alunos com discalculia podem ter problemas para prestar atenção nas aulas, isso porque o aluno fica frustrado com o conteúdo e não quer prestar atenção, é imprescindível que as estratégias psicopedagógicas ou até mesmo dos professores da sala de aula regular levem em consideração cada especificidade que um aluno com discalculia pode apresentar em sala de aula.

Dislexia e disgrafia são diferenças de aprendizagem, a dislexia afeta principalmente a leitura, a disgrafia afeta principalmente a escrita, embora sejam problemas diferentes, os dois são fáceis de confundir, visto que, eles compartilham os sintomas e frequentemente ocorrem juntos. A disgrafia é uma questão que envolve dificuldade com o ato físico de escrever, as crianças também podem ter dificuldade em organizar e expressar seus pensamentos e ideias por escrito.

No que tange a Disgrafia, Ciasca e Montiel e Capovilla (2009, p. 187) entendem que é considerada como “Uma falha no processo do desenvolvimento ou da aquisição da escrita. Está relacionada a uma disfunção na interação entre dois sistemas cerebrais, que permitem que a pessoa transforme uma atividade mental em linguagem escrita.”. Ou seja, pode-se compreender a Disgrafia como um processo que leva a caligrafia ilegível, escrita lenta e trabalhosa, mistura de letras impressas e cursivas, espaçamento de letras e palavras de maneira estranha.

A Disgrafia envolve ainda problemas como ortografia e gramática deficientes, dificuldade em segurar um lápis, pontuação incorreta, frases contínuas e falta de quebras de parágrafo, problemas para organizar as informações ao escrever. Trabalhos escritos bagunçados, cheios de erros, podem levar as crianças a ouvir que são preguiçosas ou desleixadas, a confusão ou a frustração na escola podem deixá-los ansiosos, correndo riscos de ter baixa autoestima (COELHO, 2012).

Um problema que envolve dificuldade de leitura, também pode afetar a escrita, a ortografia e a fala, as crianças podem achar difícil isolar sons, combinar sons com letras ou misturar sons em palavras. Diante as dificuldades, uma ótima alternativa é trabalhar com as habilidades de digitação, usando ferramentas de fala para texto que permitem que a fala da criança seja traduzida em texto. Além de se traba-

lhar a formação correta das letras usando técnicas que não exijam escrita, como escrever com os dedos ou com algum objeto específico.

Se o aluno tem dificuldade para ler ou escrever, pode ser difícil saber exatamente qual é o problema, conversar com os pais do aluno sobre o que eles observaram é um bom ponto de partida, juntos, escola e família podem desenvolver um plano. Existem muitas maneiras de ajudar as crianças com problemas de leitura e escrita a ter sucesso na escola, especialmente, com o auxílio de um psicopedagogo.

2.1 O PAPEL DA INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

Sabe-se que muitos são os alunos com DA que podem cair em uma lacuna de aprendizagem de longo prazo que pode persistir até a adolescência, por isso, se torna tão importante a avaliação psicopedagógica, visto que, contribui para que as dificuldades de aprendizagem sejam identificadas o quanto antes de maneira que posteriormente um programa de intervenção eficaz seja iniciado.

Ao primeiro sinal de problemas no processo de ensino e aprendizagem se torna importante que a avaliação psicopedagógica seja realizada conforme explica o autor:

Quando ocorre a avaliação de um estudante, o aspecto mais importante é o desenvolvimento de acordo com a faixa etária e a turma na qual a criança se encontra inserida. Diante da queixa de dificuldade de aprendizagem ou transtornos de aprendizagem, a família contribui muito nesse processo, pois é ela que contém as informações importantes sobre o seu desenvolvimento (Haddad, 2020, p. 15).

Assim, considerando a avaliação inicial, pode-se estabelecer intervenções psicopedagógicas de modo que seja apropriada para determinado aluno, considerando o diagnóstico, seja ele de dislexia, discalculia ou disgrafia, sendo assim, a intervenção precoce ajuda a reduzir a lacuna de aprendizagem antes que os problemas se tornem mais profundos e arraigados.

Na verdade, quando a ajuda certa e as estratégias de aprendizagem são postas em prática com antecedência suficiente, resultados positivos podem ser alcançados e mantidos a longo prazo. Além de ajudar no desempenho escolar, a ação precoce também reduz os problemas emocionais associados ao fracasso, e a intervenção durante a escola primária também ajuda a prevenir o desenvolvimento de

novas dificuldades de aprendizagem, como problemas de escrita, nos anos posteriores.

Ao promover um estudo acerca do diagnóstico e da avaliação psicopedagógica para alunos com dificuldades de aprendizagem, Moraes (2010) comenta que são diferentes os aspectos que permeiam o processo de ensino e aprendizagem da criança com DA que devem ser levados em consideração, especialmente, começando pelos principais fatores que dificultam a aprendizagem das crianças, bem como aspectos afetivos, sociais, cognitivos e emocionais.

Compreende-se, assim, que a intervenção precoce ajuda a abordar as dificuldades de aprendizagem antes que se enraízem e levem a outras questões, como problemas comportamentais e emocionais. A atuação psicopedagógica, nesse sentido, se faz importante pois ajuda na implementação de estratégias específicas para focar nos pontos fortes e minimizar, melhorar ou contornar os pontos fracos do aluno com dificuldade de aprendizagem.

Em outras palavras, ajuda as crianças a atingirem todo o seu potencial como alunos, sendo essencial que cada programa de intervenção seja adaptado aos pontos fortes e fracos específicos de cada criança ou perfil de aprendizagem. Conforme comenta Oliveira (2014, p. 30) “A psicopedagogia se propõe a estar atenta às inúmeras possibilidades de construção do conhecimento e valorizar o imenso universo de informações que nos circunda.”.

Vale lembrar que diante de uma avaliação psicopedagógica não se pode rotular o aluno com um transtorno, mas identificar e focar nas possibilidades de reintegração e adaptação da criança ao mesmo tempo que possibilita um ambiente acolhedor. A avaliação psicopedagógica se torna importante para a família, visto que, as informações permitem que os pais tomem decisões mais informadas sobre a educação de seus filhos, certificando-se de que as estratégias de aprendizagem certas sejam postas em prática na escola e em casa.

Na escola, pode ser realizada uma avaliação simples de maneira a observar os erros ortográficos, no entanto, o professor não precisa conhecer terminologias complicadas para fazer uma avaliação informal, para perceber que seu aluno pode, de fato, ter um estilo de aprendizagem diferente dos outros, em geral, a avaliação informal envolve paciência e tentativa de verificação de possíveis erros.

Geralmente, os professores podem não saber sobre as diferenças de aprendizagem desses alunos porque eles não exibem a mesma evidência em sua escrita,

por outro lado, alguns alunos com problemas de aprendizagem moderados a graves provavelmente não serão capazes de esconder seus problemas que se manifestarão em seus exemplos de escrita.

Nesse contexto, uma avaliação psicopedagógica complexa realizada por um psicopedagogo:

Inclui entrevista inicial com os pais ou responsáveis pela criança, análise do material escolar, aplicação de diferentes modalidades de atividades e uso de testes para avaliação do desenvolvimento, áreas de competência e dificuldades apresentadas. Durante a avaliação podem ser realizadas atividades matemáticas, provas de avaliação do nível de pensamento e outras funções cognitivas, leitura, escrita, desenhos e jogos (MORAES, 2010, p. 04).

Obviamente, os psicopedagogos também terão uma vantagem sobre os professores da sala de aula regular ao observarem o processo de dificuldades de aprendizagem do aluno por meio de provas projetivas e anamnese. Pode-se, ainda, observar com atenção as maneiras como um aluno lida com os erros através de uma prova específica de leitura ou escrita, na tentativa de atrair esse aluno e convencê-lo de que ele pode se sair melhor nas atividades.

Para diagnosticar a discalculia, o psicopedagogo deve contar com uma equipe interdisciplinar, que faça um diagnóstico com base em instrumentos adequados e no estudo de neuroimagem, promissores para o entendimento do distúrbio do aprendizado em matemática. (LEAL; NOGUEIRA).

Portanto, a partir da anamnese, um psicopedagogo que já conhece as principais dificuldades desse aluno pode buscar por implementar vários recursos e estratégias desenvolvendo uma perspectiva positiva sobre seu estilo de aprendizagem. No entanto, um aluno que nunca foi avaliado e encorajado pode vir a se acostumar a ser chamado de preguiçoso e pode agir exatamente dessa forma em sua classe, sendo este o maior desafio a enfrentar na sala de aula regular.

2.2 AS PRÁTICAS PSICOPEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO

Sabendo que as escolas são a chave do bem-estar das comunidades e da prosperidade futura das nações, seu bem estar é um termômetro do modo de vida das nações e, por isso, um dos fatores importantes durante o período de transição é representado pela transformação da escola em um ambiente comunitário e acolhe-

dor para todas as crianças. Essa mudança social está sendo construída com base no desejo das pessoas de fazer com que as escolas se tornem cada vez melhores para todas as crianças.

Contudo, diante de um aluno que apresenta algum tipo de dificuldade de aprendizagem a atitude mais importante a se fazer é agir assim que perceber um problema potencial, sendo o primeiro passo a avaliação psicopedagógica. Conforme explicam Carvalho e Tavares (2011) existem diferentes tipos de atividades relacionadas as práticas psicopedagógicas que podem ser implementadas e planejadas de acordo com as dificuldades apresentadas por cada aluno.

Algumas práticas psicopedagógicas giram em torno de recursos diferentes, podendo envolver provas específicas ou projetos e oficinas que visam facilitar o processo de desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais. As provas pedagógicas, por exemplo, incluem analisar a maneira como um aluno passa pelo processo de leitura e escrita. Fazer com que o aluno leia em voz alta, mas certificando-se de enfatizar que não o estará avaliando ou julgando.

Após o aluno ter lido o texto, o educador pode fazer perguntas que avaliarão a compreensão, questões que tratem tanto da retenção do conteúdo, quanto da capacidade do aluno de interpretar, analisar ou personalizar o conteúdo, é possível consultar uma lista de possíveis perguntas e uma lista de possíveis sintomas a serem observados. Para Bossa (2000) o psicopedagogo deve ser um especialista nas práticas psicopedagógicas, de maneira que possa intervir nos resultados de aprendizagem dos educandos com dificuldades de leitura e escrita.

Por sua vez, Silva (2008) observa que as crianças com deficiência de aprendizagem têm dificuldades com o desempenho e progresso acadêmico, existem discrepâncias entre o potencial de aprendizagem do aluno e o que ela realmente aprende. São crianças que além de enfrentar dificuldades na escola também apresentam problemas em outras áreas da vida, incluindo, familiar.

Crianças com dificuldades de aprendizagem apresentam uma ampla gama de sintomas, isso inclui problemas de leitura, matemática, compreensão, escrita, linguagem falada ou habilidades de raciocínio. Hiperatividade, desatenção e coordenação perceptiva também pode estar associada a dificuldades de aprendizagem, mas não são elas próprias dificuldades de aprendizagem. A principal característica de uma deficiência de aprendizagem é uma diferença significativa entre o desempenho de uma criança em alguma área e sua inteligência geral.

Dificuldades de aprendizagem geralmente afetam áreas gerais como a linguagem falada em que ocorrem atrasos, distúrbios e desvios na escuta e na fala, além da escrita, dificuldade em realizar operações aritméticas ou em compreender conceitos básicos, dificuldade em organizar e integrar pensamentos. Para Rubinstein (1992, p. 15) “A proposta da psicopedagogia é compreender o indivíduo enquanto aprendiz. Como alguém cheio de dúvidas, fazendo escolhas e tomando decisões a cada passo do longo caminho percorrido em vida”.

O fato é que as crianças aprendem de maneiras diferentes, os psicopedagogos devem tentar descobrir o que funciona melhor para seus alunos com dificuldades, mantendo-se informados sobre os programas de intervenção que funcionam e explorando as possibilidades de intervenção. Por exemplo, a intervenção para alunos com dislexia pode envolver uma trajetória psicoterapêutica e fonoaudiológica voltada para a recuperação e aprendizagem verbal, quanto mais cedo intervir com um programa de intervenção, maiores serão as chances de melhoria.

Para intervir no processo de aprendizagem de um aluno com Discalculia o psicopedagogo pode utilizar exemplos concretos que conectem a matemática à vida real, verificando com frequência para ter certeza de que o aluno entendeu o trabalho. O profissional pode usar ainda gráficos para organizar as informações ou ajudar a dividir os problemas matemáticos em etapas.

De acordo com Grassi (2013, p. 14):

As atividades podem se constituir de questionamentos orais, exercícios, provas escritas e trabalhos para casa, exigindo a reprodução dos conteúdos, apresentados de forma linear e memorizados mecanicamente. Os exercícios e as tarefas, realizados em sala ou em casa, exigem também a repetição e a memorização dos conteúdos apresentados pelo professor e pelos livros didáticos, representando uma prévia dos instrumentos de avaliação.

Nesse sentido, é importante que o psicopedagogo reveja o que o aluno já aprendeu antes de ensinar novas habilidades, ensinando-os a falarem consigo mesmos de maneira que resolvam problemas, deixando o aluno escrever gráficos ou esboços. Usar papel milimetrado para ajudar a alinhar números e problemas, dando ao aluno uma lista das fórmulas matemáticas ensinadas na aula, além de usar blocos e quebra-cabeças para ensinar ideias matemáticas, frases que chamem a atenção da criança ou adolescente.

Alguns recursos para intervenções em casos de Discalculia podem incluir a utilização de jogos lúdicos, além do fornecimento de gráficos de fatos matemáticos ou tabuadas de multiplicação. Usar recursos visuais ao resolver problemas, deixando o aluno usar uma calculadora quando o cálculo não for o que está sendo avaliado. Usar um pedaço de papel extra para cobrir a maior parte do que está em uma folha de matemática ou teste para tornar mais fácil se concentrar em um problema de cada vez, dar mais espaço para escrever problemas e soluções (SILVA, 2008).

Todas essas estratégias de práticas psicopedagógicas são extremamente importantes, visto que, possibilitam um novo olhar por meio de atividades de intervenção, trazendo significativas formas de aprendizado, incentivando o aluno com dificuldade de aprendizagem a progredir tanto cognitivamente como socialmente.

Portanto, as intervenções para as dificuldades de aprendizagem devem ser adaptadas ao perfil de aprendizagem específico de cada criança baseada em evidências e de alta qualidade, intensiva e frequente monitorada regularmente para avaliar o progresso estruturado e desafiador, conforme a criança progride, o material deve aumentar em dificuldade.

2.3 O APOIO FAMILIAR AO ALUNO COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

A maneira como as escolas se preocupam com as crianças se reflete na maneira como os alunos se relacionam nesse ambiente, se os alunos veem os educadores como apenas professores, é provável que os vejam separados da escola, por isso a importância da escola enxergar os alunos também como parte de um grupo familiar. Pois, parceiros reconhecem seus compartilhados interesses e responsabilidades pelas crianças, e eles trabalham juntos para criar melhores programas e oportunidades.

A família como instituição social desempenha várias funções, pois há muitos autores que fornecem muitas funções da família como Pimenta (2012) que enfatiza que a família é o grupo primário mais importante da sociedade, cada um é um membro da família e tem o dever de se tornar uma pessoa com responsabilidade e valor.

A responsabilidade de ensinar as crianças também recai sobre a família, pois, a criança, especialmente, com algum tipo de necessidade educacional deve receber a proteção necessária da família, portanto, a família é um responsável por excelência pela promoção da educação dos filhos.

No entanto, muitas vezes, famílias destinam a responsabilidade pela aprendizagem do aluno para a escola, assim, quando um aluno apresenta dificuldades no processo de aprendizagem, os principais responsabilizados pela família se tornam os professores. Além disso, algumas tendem a culpar os próprios filhos pelo fracasso, conforme comenta o autor:

Os pais, antes de atribuírem aos filhos a culpa pelo fracasso, descrevem a sua responsabilidades como pais de filhos estudantes. Isso significa, em termos práticos, fazer a matrícula, comprar uniforme e material escolar. De posse desses bens escolares, eles acreditam que tenha chegado a hora de seus filhos ingressarem no mundo letrado, não como expectadores, e sim como usuários eficientes e profissionais da leitura e da escrita (GOMES; SENA, 2007, p. 04).

Vários são os estudos que enfatizam que quando escolas, famílias e comunidades trabalham juntas como parceiras, os beneficiários são os alunos., as parcerias entre escolas, famílias e comunidades podem auxiliar os professores em seu trabalho, melhorar as habilidades acadêmicas dos alunos, o currículo e o ambiente escolar. São estudos que indicam que desde os primeiros anos da infância, a família, a escola e a comunidade influenciam simultaneamente o crescimento e o desenvolvimento das crianças.

Na melhor das hipóteses, os relacionamentos familiares são desafiadores, e criar um filho com algum tipo de deficiência de aprendizagem pode criar ainda mais estresse para a família. As preocupações com uma criança com DA podem afetar o relacionamento conjugal, as interações dos pais com aquela criança e também com outros filhos, as relações entre irmãos e as relações com membros da família intergeracionais. Simplificando, o que acontece na família afeta cada criança, e o que acontece com cada criança afeta a família.

Na concepção de Braga, Scoz e Munhoz (2007) a família possui um importante papel no acolhimento de uma criança com dificuldade de aprendizagem, para promover a resiliência familiar e o sucesso dos filhos, é importante que a família do aluno com problemas de aprendizagem receba o devido apoio. Uma parceria entre escola e família é essencial para atender às demandas que confrontam os pais de uma criança com diferenças de aprendizagem ou comportamento desafiador.

Compreende-se que são demandas que podem incluir reconhecer o problema, buscar ajuda, lidar com o diagnóstico, comunicar-se com a escola, colaborar com a educação especial e serviços afins e advogar pela criança. Os pais devem

apoiar-se mutuamente enquanto navegam nessas decisões importantes e nas rotinas da vida cotidiana.

As reações às lutas pessoais e acadêmicas de uma criança e as diferenças nas práticas de criação dos filhos podem criar conflito ou tensão no casamento, além disso, os problemas nos relacionamentos conjugais podem transbordar e afetar os sentimentos de adequação e competência no papel dos pais. Em tais situações, o foco nos comportamentos problemáticos da criança e nas falhas acadêmicas pode desviar a atenção dos pais de seus problemas interpessoais, isso, por sua vez, cria estresse adicional para a criança.

Nesse sentido, deve haver uma abordagem de equipe entre os pais e a escola, ou psicopedagogo, incluindo a responsabilidade compartilhada pela tomada de decisões e gerenciamento dos filhos, isso requer conhecimento da condição, comunicação e apoio à criança. Assim, torna-se importante que a escola, psicopedagogo e família, discutam as diferenças e desenvolvam práticas cooperativas para a criança.

Dessa forma, à medida que a parceria melhora, haverá mais tempo para se concentrar nos outros filhos, no relacionamento conjugal e nas necessidades pessoais, um ambiente familiar de apoio ajuda cada membro da família a desenvolver confiança e respeito próprio. Por isso, se torna importante que a escola ou o psicopedagogo converse com a família sobre como eles se sentem sobre a condição de seu filho, sua experiência escolar e sobre o futuro.

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada a partir de uma abordagem metodológica bibliográfica, foi produzida graças a inúmeras leituras, resumos e fichamentos que possibilitaram a aquisição de novos conhecimentos acerca das práticas psicopedagógicas e sua relevância no processo de ensino de alunos que possuem algum tipo de dificuldade de aprendizagem. Nesse sentido, o ponto inicial deste estudo foi pesquisar palavras chave como psicopedagogia, dificuldade de aprendizagem, aluno, professor, família, práticas psicopedagógicas, escola.

Salienta-se que a obra de autores como Cordeiro, Molina e Dias (2014), foram essenciais, visto que, permitiram ampliar o estudo teórico acerca do assunto, para esses autores, não há possibilidade de elaboração de um trabalho acadêmico sem

seguir alguns passos importantes, como fazer leituras sistemáticas, verificar as normas ABNT e resumos.

Portanto, todos os procedimentos adotados neste estudo foram essenciais, haja vista que, permitiram ampliar o conhecimento sobre a temática através da exploração de materiais como livros físicos e eletrônicos, bem como de artigos científicos publicados em sites como scielo e google acadêmico. Sob o ponto de vista de alguns autores, foi interessante refletir a necessidade de se estabelecer práticas psicopedagógicas no ensino do aluno com DA, dinamizando cada vez mais as atividades de maneira que as necessidades sejam atendidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, foram analisados diferentes aspectos da vida dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, entendendo que existem muitas possibilidades de intervir positivamente no processo de ensino do aluno com DA. Foi possível constatar que a maior parte da instrução em casa ou na escola pode ser adaptada para acomodar as necessidades dos alunos com dificuldades de aprendizagem, como dislexia ou outros problemas de aprendizagem.

As práticas psicopedagógicas e estratégias podem ser usadas para modificar o ensino na maioria das disciplinas para melhorar a compreensão das tarefas pelos alunos e a qualidade de seu trabalho. Além da intervenção, o psicopedagogo tem a oportunidade de desenvolver muitas estratégias direcionando olhar psicopedagógico sobre o aluno com dificuldade de aprendizagem.

Outro ponto discutido nesta pesquisa foi acerca do papel da família em proporcionar um ambiente adequado para esse aluno, em parceria com a escola ou com o psicopedagogo, de maneira que os problemas que esse aluno enfrenta na sala de aula não interfira as relações que se estabelecem nesse ambiente. É preciso que todas as necessidades desse aluno sejam compartilhadas entre professores, pais e psicopedagogo de maneira que seja dada a devida atenção aos problemas de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BASTOS, J. A. **O cérebro e a matemática**. São Paulo: Edição do autor. 2008.

BOSSA, Nadia A. **A Psicopedagogia no Brasil**. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Artes Médicas Sul, 2000.

BRAGA, S. S; SCOZ, B. J. L; MUNHOZ, P. L. M. Problemas de aprendizagem e suas relações com a família. **Rev. psicopedag.** vol.24 no.74 São Paulo 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci> Acesso em: 23 de julho de 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília: DF. 2008.

CORDEIRO, G. R; MOLINA, N. L; DIAS, V. F. **Orientações e dicas práticas para trabalhos acadêmicos (Org.)**. – 2 ed. rev. e atual – Curitiba: Intersaberes. 2014.

CARVALHO, M. F; TAVARES, D. B. S. Práticas psicopedagógicas vivenciadas de forma significativa com o indivíduo autista. 2011. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5226_2641.pdf Acesso em: 11 de julho de 2021.

CIASCA, S. M; MONTIEL, J. M; CAPOVILLA, F. C. (Org.) **Atualização em transtornos de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas. 2009.

COELHO, D. T. **Dislexia, Disgrafia, Disortografia e Discalculia**. 2012. Disponível em: <http://www.ciec-uminho.org/documentos/> Acesso em: 15 de julho de 2021.

GOMES, M. F; SENA, M. G. **Dificuldades de aprendizagem na Alfabetização**. Belo Horizonte. 3 ed. Autêntica/Ceale. 2011. 128p.

GRASSI, T. M. **Psicopedagogia: um olhar, uma escuta**. Curitiba: Intersaberes. 2013.

HADDAD, M. E. **Psicopedagogia**. Curitiba: Contentus. 2020. 57p.

LEAL, D; NOGUEIRA, M. **Dificuldades de aprendizagem: um olhar psicopedagógico**. Curitiba: Intersaberes. 2012.

MARANGON, A. S. L. **Relato de Experiência: a dislexia na vida real**. São Paulo. 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/W10/Documents> Acesso em: 02 de julho de 2021.

MORAES, D. N. M. **Diagnóstico e avaliação psicopedagógica**. Rio Grande do Sul. 2010. Disponível em: <https://www.passofundo.ideau> Acesso em: 05 de julho de 2021.

OLIVEIRA, M. A. C. **Psicopedagogia: A instituição educacional em foco**. Curitiba: Intersaberes. 2014.

PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2012.

RODRIGUES, S. D; CIASCA, S. M. Dislexia na escola: identificação e possibilidades de intervenção. **Rev. psicopedag.** vol.33 no.100 São Paulo 2016. Disponível: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci> Acesso em: 12 de julho de 2021.

ROTTA, N. T. **Transtornos de aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar**. Porto Alegre. Artmed. 2006.

RUBINSTEIN, E. R. A. **A intervenção psicopedagógica clínica**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1992.

SOUZA, P. C. **Dificuldade de aprendizagem na educação e letramento**. Curitiba: Contentus. 2020. p.112.

SILVA, M. A. Práticas psicopedagógicas. psic - **Revista de Psicologia** da Vetor Editora, v. 9, nº 2, p. 263-264, Jul./Dez. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci> Acesso em: 05 de julho de 2021.

SILVA, W. C. **Discalculia: uma abordagem à luz da educação matemática**. Gua-
rulhos. [s.n]. Dissertação. 2006. 45f.